

DESAFIOS ENCONTRADOS NO INÍCIO DA DOCÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO

Cleide dos Santos Pereira Sopelsa¹

Rita Buzzi Rausch²

Eixo temático: 7 – Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: O presente trabalho decorre de tese de doutorado realizada entre 2019 e 2022 e tem como objetivo identificar os aspectos comuns aos desafios encontrados pelas professoras em sua prática pedagógica no início da docência na alfabetização. Os dados analisados resultam de entrevista narrativa realizada com as participantes. A análise dialógica dos dados pautou-se nos aportes da Teoria Histórico-Cultural e do campo da formação de professores, e possibilitou identificar dez desafios comuns compartilhados, entre os quais constam a busca por um caminho inicial e a heterogeneidade de saberes dos grupos. Os resultados da investigação indicam a complexidade do processo vivido pelas professoras em seu início de docência na alfabetização e explicitam a importância de processos formativos que tenham como ponto de partida os desafios encontrados na prática.

Palavras-chave: desenvolvimento profissional docente; professoras iniciantes; alfabetização; Teoria Histórico-Cultural; vivência dialógica.

Introdução

O esforço realizado nas últimas décadas por professores e professoras e por pesquisadores e pesquisadoras, apontado por Smolka (2019), possibilitou que a alfabetização fosse estudada a partir de diferentes pontos de vista e por diferentes profissionais. Neste percurso, privilegia-se ora uma, ora outra faceta, dependendo da área de conhecimento a que pertencem, resultado do fato de que se trata de “[...] um fenômeno de natureza complexa,

¹ Doutora em Educação. Professora da Educação Básica no município de Blumenau/SC. Professora do Curso de Pedagogia – FURB. Contato: csopelsa@furb.br

² Doutora em Educação. Professora e pesquisadora no PPGE da FURB e no PPGE da UNIVILLE. Contato: ritabuzzirausch@gmail.com

multifacetado [...]” (SOARES, 1985, p. 21). Tal característica explicita a também complexidade que caracteriza a docência na alfabetização, especialmente para quem começa na profissão.

O presente trabalho decorre de uma pesquisa de doutorado realizada entre 2019 e 2022, que teve como foco o Desenvolvimento Profissional de professoras iniciantes na alfabetização. A situação-problema que gerou a pesquisa foi a pouca atenção que as professoras iniciantes na alfabetização têm recebido por parte de pesquisadores e responsáveis por políticas públicas voltadas à formação desses profissionais no Brasil, situação que ocorre também na rede municipal de ensino em que a pesquisa aconteceu.

Neste texto, o objetivo é identificar os aspectos comuns aos desafios encontrados pelas professoras em sua prática pedagógica no início da docência na alfabetização. Os dados analisados resultam de entrevista narrativa realizada em 2020 com sete professoras iniciantes, atuantes em uma rede municipal de ensino, com tempo de docência na alfabetização entre três meses e três anos. Foi realizado um processo de análise e interpretação dos dados tendo como base a análise dialógica do discurso (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1995).

2 Fundamentação teórica

O início na docência tem sido discutido por autores do campo da formação de professores (MARCELO, 1999; HUBERMAN, 1992; IMBERNÓN, 2011; NÓVOA, 2009), como a fase da carreira correspondente aos primeiros anos de atuação e que marca a transição da etapa de estudantes para profissionais. O período requer especial atenção por ser o momento em que os iniciantes se deparam com a realidade cotidiana das escolas. Desse modo, ele apresenta características e necessidades próprias, que demandam apoio e formação específicos. A complexidade que envolve o trabalho na alfabetização faz com que o início da atuação, neste contexto, seja ainda mais desafiador, por envolver saberes específicos relacionados à leitura e à escrita que são influenciados pelas exigências sociais próprias de cada contexto e de cada época. Na pesquisa, este entendimento foi ressignificado a partir dos dados empíricos que apontavam que as professoras, mesmo tendo experiências na docência em outras etapas ou modalidades de ensino, ao passar a atuar na alfabetização se deparam com um novo início. Com base nisso, esta investigação olha para o desenvolvimento profissional de professoras que são iniciantes na alfabetização, independentemente de possuírem ou não experiências anteriores.

A pesquisa se fundamenta nos aportes da Teoria Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 2018; BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1995), para alicerçar a base epistemológica que possibilitou compreender a relação entre aprendizagem e desenvolvimento humano e sobre o papel da linguagem neste processo. Com base nesses autores, o entendimento que fundamentou a

pesquisa foi que o desenvolvimento ocorre a partir das condições sociais de existência de cada indivíduo, o que inclui o meio e as interações com o outro. As mudanças nas condições de existência mudam o curso do desenvolvimento. Desse modo, participar de um processo formativo que possibilite a aprendizagem da profissão por meio de experiências compartilhadas forma as vivências de cada indivíduo e impulsiona o desenvolvimento profissional docente. A linguagem é fundamental neste processo, uma vez que os seres humanos se constituem por ela, assim como o entendimento de que cada sujeito constrói, de modo único e criativo, a sua compreensão individual do coletivo e dos significados. Desse modo, os conceitos de vivência, entendida como a unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia, e, por outro lado, a experiência, como cada ser humano vivencia (VIGOTSKI, 2018), e de dialogia, entendido como princípio constitutivo da linguagem e condição do sentido do discurso (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1995), guiaram a pesquisa.

3 Resultados e Discussão

A análise dos enunciados das professoras possibilitou identificar dez desafios compartilhados pela maioria das participantes, que são apresentados sinteticamente neste texto.

3.1 O modo como ocorre a inserção na docência na alfabetização

A inserção na docência na alfabetização no contexto das escolas é uma regularidade presente nos enunciados das professoras, como observado na fala da professora Aline:

Professora Aline: *“Então, quando eu fui escolher a minha turma na escola, o diretor falou: Ah, prô... **Você já tem experiência?** Já trabalhou com séries iniciais? E eu falei: Não! Nunca! Não sei como que se faz isso. E aí ele falou: Então, é isso profe... **você devia ter vindo um pouco antes, porque agora só sobrou o 2º ano.**” (E.2.A – 21.09.2020)*

O enunciado da professora remete às reflexões que vêm sendo realizadas por Nóvoa (2019) a respeito das condições em que acontece a inserção das professoras na docência e a necessidade de acompanhamento neste período, mesmo que a professora possua experiência anterior noutra área. No caso das turmas de alfabetização, a necessidade desse acompanhamento se intensifica ainda mais pelo fato de que apresentam uma complexidade diferenciada, o que exige conhecimentos específicos para a ação pedagógica. No entanto, este desafio é geralmente assumido pelas professoras sozinhas. As trocas realizadas com as colegas, coordenação e direção, apontadas por algumas professoras, são incidentais,

dependem da iniciativa e da boa vontade individuais, uma vez que não há, em nível local e, também, mais amplo, orientações quanto a esse processo.

3.2 A transição de professora de educação infantil para professora de alfabetização no ensino fundamental

A maioria das professoras participantes da pesquisa atuou anteriormente na educação infantil. A questão da mudança da educação infantil para a alfabetização é apontada como um dos desafios enfrentados. Dentre os enunciados das professoras, recebe destaque a fala da professora Júlia:

Professora Júlia: “[...] essa transição, então, dos anos da educação infantil, para os anos iniciais, eu acredito que **tem muita ruptura e é muito grotesca** e tem muito o que ser trabalhado ainda, sabe?” (E.I. Ju – 18.09.2020)

As professoras indicam a necessidade de discussão em torno da infância e do que é próprio deste ciclo de vida, independentemente da etapa de educação em que a criança está inserida. Neste sentido, o desafio apresentado é o de um processo contínuo que possibilite a não ruptura entre a educação infantil e o período de alfabetização, entendendo que os estudantes dos 1º e 2º anos, com os quais estão atuando, são crianças, e que tanto as crianças que estão em processo de alfabetização na escola quanto as crianças que frequentam a educação infantil precisam de interações significativas com a linguagem escrita, no sentido de serem incluídas na cultura escrita.

3.3 A busca por um caminho inicial para a ação pedagógica na alfabetização

O início da docência na alfabetização de algumas professoras do grupo é acompanhado por incertezas a respeito de onde partir e de como organizar a ação pedagógica em um primeiro momento em sala de aula, como pode ser observado no enunciado da professora Ivana:

Professora Ivana: “No início eu me senti perdida porque eu pensei nossa! É uma coisa que eu queria, mas como eu vou fazer? Por onde eu vou começar?” (E.I.IV – 24.09.2020)

Além do ponto de partida, de por onde iniciar o trabalho na alfabetização, as professoras precisam elaborar respostas sobre como desenvolver o trabalho. Referem-se à necessidade de organizar um repertório que possibilite pensar, planejar e desenvolver atividades pedagógicas próprias deste período de escolaridade. Mesmo tendo estudado alfabetização na graduação, pois todas as professoras possuem Pedagogia e a disciplina de Alfabetização faz parte do currículo do curso, este conhecimento precisa da ação na prática para ser elaborado e tornar-se conhecimento pedagógico. É a partir do início do trabalho na docência e se deparando com os desafios próprios da sala de aula que as professoras elaboram este

tipo de conhecimento. A formação inicial tem caráter introdutório (NÓVOA, 1995).

Diante disso, explicita-se que saber de onde partir, o que é necessário trabalhar e como organizar a ação pedagógica no início da docência na alfabetização constituem um importante desafio que demanda um acompanhamento intencional, contínuo e sistemático, por parte dos responsáveis pela formação continuada.

3.4 A compreensão da alfabetização como processo de apropriação da linguagem escrita pela criança

As professoras apontam a preocupação em compreender como acontece a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização ao mesmo tempo que explicitam suas compreensões a respeito deste processo, como explica a professora Isabela:

Professora Isabela: “O que é desafiador pra mim, mesmo, é entender como acontece esse processo na cabecinha da criança. [...] Esse processo cognitivo. (E.I. Is – 23.09.2020)

O desafio colocado neste aspecto é o de discutir os pressupostos epistemológicos que orientam as ações das professoras na alfabetização. Isso porque suas concepções a respeito dos sujeitos e do modo como aprendem as levarão a assumir determinados posicionamentos no contexto da sala de aula de alfabetização e a desenvolver determinadas atividades.

3.5 A dificuldade em trabalhar com a heterogeneidade de saberes nos grupos de alfabetização

Lidar com os diferentes saberes sobre a leitura e a escrita apresentados por crianças de uma mesma turma é um dos principais desafios encontrados pelas professoras iniciantes na alfabetização.

Professora Isabela: “Eu tinha o caso do J. [...] Que tinha muita dificuldade. [...] e eu tinha crianças que... [som de estalo].” (E.I.Is – 23.09.2020)

Os enunciados remetem ao desafio de compreender que, apesar de as crianças que compõem as turmas de alfabetização geralmente pertencerem à mesma faixa etária, elas não aprendem as mesmas coisas ao mesmo tempo. A linguagem escrita é uma atividade cultural, e, desse modo, as experiências anteriores à escola vivenciadas nos diferentes grupos sociais, dos quais são parte, fazem com que cada indivíduo apresente conhecimentos diferentes.

O desafio posto é o de compreender que tal situação pode beneficiar o processo de aprendizagem se as propostas desenvolvidas promoverem a interação e a cooperação entre os estudantes, fazendo com que a heterogeneidade se torne fonte de criação de zonas de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2018).

3.6 A necessidade de mudança na prática pedagógica na alfabetização

A necessidade de mudança na prática pedagógica na alfabetização se faz presente como um dos desafios postos às iniciantes, como observado no enunciado a seguir:

Professora Júlia: *“Como tá lidando com esses outros profissionais. Que às vezes falam: Aí... você é nova, quer fazer tudo... Espera aí! Eu quero fazer tudo, mas eu quero fazer sempre, não é porque eu sou nova.”* (E.I. Ju – 18.09.2020)

O desejo de romper com concepções enraizadas na cultura escolar e perpetuadas ao longo da história da educação no Brasil, a respeito da ação pedagógica na alfabetização e que permanecem fortemente presentes nas salas de aula de alfabetização e nos discursos de professores e professoras independentemente de serem mais antigos ou mais jovens, é um grande desafio para o qual é preciso um movimento contínuo de reflexão sobre a prática.

O início na profissão é o momento em que tudo é novo. As professoras trazem expectativas e um desejo de aprender. De acordo com Freire (1993, p. 40), “quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidades”.

3.7 A dificuldade na organização da ação pedagógica

A dificuldade na organização da ação pedagógica, desde a relação com os documentos oficiais até a administração do tempo em sala de aula, é apontada como um dos desafios encontrados pelas professoras. A atuação na docência demanda a compreensão de diferentes aspectos da ação pedagógica, entre eles o conhecimento sobre o currículo e o modo de organização da prática por meio do planejamento intencional das propostas a serem realizadas e da organização dos tempos e espaços de atuação.

3.8 A necessidade de escuta efetiva e afetiva dos estudantes

A complexidade dos processos de ensinar e aprender exige das professoras mais do que um conhecimento específico do conteúdo com que irão trabalhar. Na sala de aula, faz-se necessário que estabeleçam conexões entre o processo de ensino e o contexto social em que vivem os estudantes. E, também, com as relações que esse contexto sociocultural, marcado pela diversidade, provoca que se estabeleçam na sala de aula.

Professora Camila: *“[...] Não é só uma criança que vai ali pra aprender. Ela tem uma história...”* (E.I.C – 25.09.2020)

Os enunciados das professoras remetem à discussão que vem sendo realizada sobre a necessidade de uma formação que considere que os sujeitos que frequentam a escola, estudantes ou professores, são formados dialogicamente a partir das vivências históricas e culturais possibilitadas pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo, o que os torna diversos. Para que as professoras compreendam essa característica humana e se sintam capazes de desenvolver seu trabalho tendo o entendimento da diversidade como premissa, é importante uma formação para o diálogo pedagógico.

3.9 O início na docência na alfabetização no contexto de pandemia de covid-19

As professoras enunciam o sentimento de frustração, de insegurança e de vazio, diante da situação de suspensão das aulas presenciais.

Professora Isabela: “[...] bem nesse meu 1º ano de experiência como professora... autônoma... sozinha na sala... eu tenho a “felicidade” de ter uma pandemia [...] que me impede de fazer esse trabalho presencial... na sala... da forma que eu aprendi e da forma que eu desejava trabalhar... e vou trabalhar a distância.” (E.I.Is – 23.09.2020)

Os enunciados das professoras demonstram o sentimento de que a pandemia tirou a possibilidade de elas poderem iniciar realmente na docência na alfabetização, fazendo com que este desafio se complexificasse ainda mais e passasse a ser entrecortado por diversos outros. Entre eles, está o de usar plataformas e outros recursos de tecnologia digital para a elaboração e o compartilhamento das atividades de ensino, recursos que até então eram pouco usados pelas professoras e que demandaram esforço e empenho para serem colocados em prática. Neste sentido, um dos desafios que se colocam às professoras iniciantes é o de compreender que os saberes necessários para alfabetizar são fortemente influenciados pelas exigências sociais de leitura e escrita próprias de cada época e de cada contexto, o que faz com que conteúdos e métodos se transformem constantemente à medida que as demandas sociais de alfabetização também se transformam. Desse modo, as expectativas com relação à ação pedagógica na alfabetização são constantemente redefinidas.

3.10 A necessidade de teorização da prática

As professoras se referem ao desafio de relacionar os conhecimentos teóricos com a prática pedagógica, como apontado no seguinte enunciado:

Professora Júlia: “E eu pensei comigo, tá? E o que isso quer dizer? Porque na prática é uma coisa, na teoria é outra... [Referindo-se à forma como desenvolver o trabalho na alfabetização].” (E.1. Ju – 18.09.2020)

As professoras reenunciam o discurso de dicotomia entre teoria e prática. Seus enunciados remetem à discussão a respeito da forma como teoria e prática se articulam nos processos formativos. O desafio posto às professoras iniciantes na alfabetização é o de elaborar um conhecimento prático/fundamentado (IMBERNÓN, 2011), construído durante a vida profissional, sendo que esta elaboração ocorre por meio de um processo constante de reflexão a respeito da ação.

5 Considerações Finais

Os resultados da investigação indicam a complexidade do processo vivido pelas professoras em seu início de docência na alfabetização. Explicita-se que há diferentes aspectos que se cruzam e que estão relacionados às questões históricas e culturais que envolvem a constituição das professoras, a educação, a profissão, a formação de professores e o campo da alfabetização.

O estudo explana a importância de processos formativos que tenham como ponto de partida os desafios encontrados na prática e de programas e políticas que visem assegurar que o apoio e o acolhimento às professoras que iniciam na docência na alfabetização não sejam resultado somente da solidariedade e boa vontade de colegas mais experientes, e, sim, o resultado de ações planejadas, intencionais e sistematizadas.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: Nóvoa, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-62.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCELO, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. Os professores e suas histórias de vida. *In*: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 11-31.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, A. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198-208, 2019.

SMOLKA, A. L. B. Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as (trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABALF**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 12-28, jan./jun. 2019.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 52, p. 19-24, fev. 1985.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.